

---

## **Deepfakes: a estética na desconstrução<sup>1</sup>**

Ademar TRIGUEIRO LIMA<sup>2</sup>  
Gabriel Victor BARBOSA DE MACÊDO<sup>3</sup>

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB  
Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, PB

### **RESUMO**

A inclusão digital gera um cenário que merece ser analisado para que possamos entender a relevância das redes sociais na produção de conteúdo, que inclusive pode ser produzido em seguida disseminado por indivíduos sem compromisso com a verdade, fato que no ambiente virtual se torna um risco, é o que hoje condicionamos a chamar de Fake News – a ‘informação’ capaz de prejudicar terceiros, tendo sido forjada com vistas ao lucro fácil ou à manipulação. Neste contexto, surge também as Deepfakes, produtos obtidos por aplicativos de inteligência artificial que se fundem e substituem imagens e vídeos para criar vídeos falsos, potencializando os riscos da produção de conteúdo fake na internet.

**PALAVRAS-CHAVE:** redes sociais; internet; informação; fake news; deepfakes.

### **INTRODUÇÃO**

Diante do crescente acesso à internet, a utilização de mídias sociais ocupa espaço no cotidiano de parcela significativa da sociedade. A crescente inclusão digital mundo afora e a presença cada vez maior nas redes sociais propicia um cenário que merece ser ainda mais observado, para que possamos destacar sua relevância na conjuntura atual. Entretanto, a falta de uma regulamentação mais rígida e a possibilidade de qualquer pessoa, sob qualquer finalidade, tornar-se um criador de conteúdo, torna o ambiente propício à publicação de informações, que podem ser amplamente disseminadas. E se essas informações não forem verdadeiras? E a capacidade de essa informação inverídica ser replicada por diversas vezes no ambiente virtual?

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ01 - Jornalismo, no Intercom Júnior - XVIII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

<sup>2</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, e-mail: [trigueiroademar@gmail.com](mailto:trigueiroademar@gmail.com)

<sup>3</sup> Graduando do curso de Jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, e-mail: [gabrielvictorcelular@gmail.com](mailto:gabrielvictorcelular@gmail.com)

---

O termo Fake News foi descrito por Filho (2018), como toda a informação que, sendo de modo comprovável falsa, seja capaz de prejudicar terceiros e tenha sido forjada e/ou posta em circulação por negligência ou má-fé, neste caso, com vistas ao lucro fácil ou à manipulação política, entre outras motivações.

Já as Deepfakes são os produtos obtidos por aplicativos de inteligência artificial que se fundem e substituem imagens e videoclipes para criar vídeos falsos que parecem autênticos (Maras & Alexandrou, 2018).

Em tempos de Pós-Verdade, onde fatos concretos praticam menor influência que as emoções e crenças pré-concebidas, é inegável que independentemente da veracidade, os fatos detém capacidade de causar impacto na sociedade. O advento da internet mudou a forma como o mundo se comunica, e a nova forma de se comunicar mudou a nossa percepção de mundo.

Face ao exposto, o presente trabalho busca analisar a Inteligência Artificial na disseminação de fake news, em especial as Deepfakes e sua formatação estética explorando a comicidade em busca da desconstrução de atores políticos.

## **FAKE NEWS E A ESTÉTICA NA ERA DA DESINFORMAÇÃO**

Em um momento da história no qual o processo de globalização alcança um novo patamar diante do crescente acesso à internet, a utilização de mídias sociais ocupa espaço no cotidiano de parcela significativa da sociedade. De acordo com Kemp (2020) em acompanhamento do HotSuite, em outubro de 2020 havia 4,66 bilhões de usuários de internet no mundo, que representam 60% da população mundial, dos quais 4,14 bilhões possuem algum tipo de mídia social, mantendo uma média de uso diária de 2 horas e 29 minutos. O ambiente é um dos principais pólos de disseminação de Fake News.

Os avanços tecnológicos mais recentes elevaram as Fake News a um outro patamar: as deepfakes. A sofisticação crescente da tecnologia de câmeras móveis e o alto alcance das mídias sociais, fizeram a criação e propagação de vídeos editados mais convincentes do que nunca. O número de vídeos falsos, seu tempo de fabricação e manipulação tem diminuído nos últimos anos, graças à disponibilidade, a grande quantidade e poder de computação e aplicativos fakeapp (Li & Lyu, 2018; Mara & Alexandrou, 2018).

---

Castells (2005), destaca que “a sociedade é que dá forma à tecnologia de acordo com as necessidades, valores e interesses das pessoas que utilizam as tecnologias”. Já Patrini et al., (2018), apresentam que as tecnologias foram criadas não apenas com o intuito de beneficiar o homem. Os autores expõem que as técnicas modernas das ciências da computação estão sendo também exploradas de má forma, com o objetivo de ludibriar e prejudicar toda a população. O que distingue os deepfakes de outras técnicas de manipulação de vídeo é, em primeiro lugar, seu potencial para foto com resultados realísticos e vídeos extremamente convincentes. Em segundo lugar, a disponibilidade da técnica para leigos, permitindo que usuários com conhecimento limitado de programação e aprendizado de máquina criem Deepfakes (Koopman et al., 2018).

No que tange à estética, Habermas (2002), apud Marques (2011), define que a partir da independência das próprias experiências estéticas interiores os trabalhos de uma arte autônoma assumem o papel de objetos capazes de abrir nossos olhos, sob novas perspectivas, atitudes e comportamentos. Sendo assim, a estética é capaz de provocar afeto à sociedade.

Se levada em consideração a influência das emoções nos posicionamentos da sociedade, é inerente também observar que a estratégia do uso da comicidade estética detém potencial de desconstrução pública. Segundo Vasquez (1992), apesar de provocar o riso, o cômico deve conter seriedade e essa contradição contrastada à realidade resulta em “uma arma crítica, tanto na vida real como na arte”. Para ele, a desvalorização do real ou do pretensamente real através do cômico se dá pela contradição que exhibe a inconsistência de um fenômeno.

## **DEPPFAKES: AS FAKES NEWS DE UM FUTURO QUE JÁ CHEGOU**

A humanidade vive um momento ímpar. O advento das redes sociais ganha cada vez mais notoriedade mundo afora e a inclusão tecnológica é crescente. É bem possível que os descendentes de próximas gerações considerem este um marco histórico, não apenas uma era de mudanças, como muitos enxergam, mas uma mudança de eras.

Um recente estudo definiu fake news “como artigos de notícias que são intencionalmente e comprovadamente falsos, e podem enganar os leitores” (Allcott &

Gentzkow, 2017). Existem sete tipos de fake news: sátira ou paródia; falsa conexão; conteúdo enganoso; falso contexto; conteúdo impostor; conteúdo manipulado; conteúdo fabricado. Nesse sentido, nem toda notícia falsa cria um conteúdo novo, totalmente falso, o que dificulta checar a veracidade das informações (Derakhshan & Wardle, 2017).

Fake news não são somente notícias falsas, mas também plantadas, cultivadas e hipertrofiadas para que desorientem, confundam, enganem. Elas viralizam nas redes sociais, espalhadas por indivíduos desavisados ou interessados e por sistemas automatizados, como bots e algoritmos (Christofoletti, 2018).

De acordo com Floridi (2018), técnicas de inteligência artificial permitiram o desenvolvimento de softwares de deepfake. Neles, a criação de vídeos falsos é feita substituindo elementos do vídeo, como as faces das pessoas que aparecem na gravação original por outras, que se tenham registros visuais digitais armazenados. Essas técnicas inscrevem-se na discussão sobre as deepfakes (em tradução livre, “falsificação profunda”), expressão que conjunta o termo deep learning (“aprendizado profundo”, ligado ao machine learning, acúmulo de conhecimento por parte de um banco de dados, possibilitando sua tomada de decisão por uma inteligência artificial) com fake, de falso (Ridlewski, 2019). Embora os primeiros exemplos de deepfakes se concentrem em líderes políticos, atrizes, comediantes e artistas tendo seus rostos transformados em vídeos pornôis (Hasan & Salah, 2019).

Os deepfakes no futuro provavelmente serão cada vez mais usados para pornografia de vingança, bullying e vídeos falsos evidências em tribunais, sabotagem política, propaganda terrorista, chantagem, manipulação de mercado e notícias falsas (Maras & Alexandrou, 2018).

## **INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL: A TECNOLOGIA NA CONSTRUÇÃO DA REALIDADE**

Sistemas de inteligência artificial (IA) são sistemas de software (e possivelmente hardware) projetados por seres humanos que, dado um objetivo complexo, atuam na dimensão física ou digital, percebendo seu ambiente através da aquisição de dados estruturados ou não estruturados coletados, raciocinando sobre o

---

conhecimento, ou processando as informações, derivadas desses dados e decidindo a melhor ação a ser tomada para atingir o objetivo dado (Pereira et al., 2020).

A inteligência artificial possui as seguintes características: percepção, aprendizagem, raciocínio, comunicação e comportamento de correção, mesmo em ambientes complexos. As ciências da computação têm como objetivo aperfeiçoar de forma progressiva os algoritmos, para que a inteligência artificial consiga superar o desempenho humano, ao executar a mesma tarefa (Reads, 2017). O algoritmo utilizado para gerar o deepfake permite que um usuário possa mudar o rosto de um ator em um vídeo com o de um ator diferente de uma forma fotorrealista, isso desencadeia desafios aos profissionais forenses com relação à confiabilidade das provas de vídeo (Koopman et al., 2018).

De acordo com Korshunov e Marcel (2018), existem atualmente software de código aberto acessível e aplicativos utilizados para a troca de rosto, o que gera uma grande quantidade de vídeos sinteticamente manipulados e distribuídos nas mídias sociais e notícias, o que representa um significativo desafio técnico para detecção e filtragem de tal conteúdo.

## **PÓS-VERDADE**

Atualmente vivemos no que alguns chamaram do período de "Pós-Verdade", que é caracterizado por desinformação digital e informação liderada por atores malévolos correndo falsas campanhas de informação para manipular a opinião pública (Anderson, 2018; Qayyum et al., 2019; Zannettou et al., 2019). A grande questão é que nem todo conteúdo propagado nas redes sociais é verídico, sendo utilizadas informações manipuladas e sem credibilidade, a fim de persuadir os 6 receptores do conteúdo, que, muitas vezes, o replicam. A essa propagação, dá-se o nome de Audiência Potente (Mesquita, 2018).

A ideia de pós-verdade é de que fatos concretos praticam menor influência que as emoções e crenças pré-concebidas. Deste modo, é inegável que independentemente da veracidade dos fatos, eles causam impacto na sociedade. As fake news se relacionam ao tema da pós-verdade, que, por sua vez, foi eleito o termo do ano em 2016 pelo dicionário Oxford (Paula et al., 2018).

---

O discurso da pós-verdade corresponde a uma suspensão completa da referência a fatos e verificações objetivas, substituídas por opiniões tornadas verossímeis apenas à base de repetições, sem confirmação de fontes (Dunker et al., 2017). Esse termo possui raízes um pouco mais antigas, com seu uso pioneiro datado de 1992 em um artigo de Steve Tesich publicado na revista *The Nation*. Em 2010, o blogueiro David Roberts escreveu que uma cultura política nova havia se sedimentado entre os norte-americanos, tratando-se do imperativo da pós-verdade. Para ele, os eleitores escolhiam seus posicionamentos com base em opiniões de tribos e proximidades baseadas nos valores e afetos (Souza, 2019).

### **DESMISTIFICANDO: A ESTÉTICA NAS DEEPFAKES DE BRUNO SARTORI**

Conhecido como Bruxo dos Vídeos, Bruno Sartori é jornalista e videomaker, especialista na construção de deepfakes e certamente a maior referência no assunto que se tem notícia no Brasil. Isso se dá porque Sartori costuma identificar seus vídeos, fugindo do anonimato e permitindo que a audiência tenha real noção de que se trata de um vídeo falso - por mais que muitas vezes seja óbvio.

Com aproximadamente 1 milhão de seguidores nas principais redes sociais - YouTube, Twitter e Instagram - e milhões de visualizações, Sartori tem quase sempre como alvo o atual presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, embora também o faça contra outras pessoas públicas, com finalidades que podem ser esteticamente compreendidas como mais ou menos agressivas.

Vázquez (1999), reflete que no humor, assim como no cômico em geral, há uma desvalorização do real, sendo, portanto, uma forma de crítica social. Já a sátira, ela apresenta crítica mais acentuada:

Ao comparar a sátira com o humor, vemos que a crítica é mais demolidora porque o objeto satirizado não só revela sua inconsistência, mas além disso sua negatividade, razão pela qual os golpes que descarregam sobre ele buscam sua destruição. É, portanto, uma crítica que, longe de ser compreensiva, tolerante, como a do humor, traz entranhada uma condenação. Sem deixar o menor resquício para a simpatia, promove a repulsa ou desaprovação. (Vázquez, 1999, p.280)

Aprofundando-se na dimensão estética, sobretudo explorando o uso da comicidade, em especial do humor e da sátira, Sartori coleciona vídeos virais. Os primeiros, em 2019, com o Chapolin Bolsonaro:

Imagem 1: Chapolin Bolsonaro



Foto: Reprodução/Internet

A linguagem corporal do personagem Chapolin Bolsonaro adota traços da personalidade negativos do ator público em questão, como irritabilidade. A deepfake tem características cômicas, pela contradição de visualizar o Presidente da República em um personagem de seriado de comédia.

Porém, a escolha pelo Chapolin Bolsonaro vai além e atende a uma analogia: o Partido dos Trabalhadores - PT contou com a maioria do apoio popular no início do século XXI. Após a primeira vitória presidencial do partido, em 2002, com Luiz Inácio Lula da Silva, o PT assumiu hegemonia, garantindo a reeleição de Lula em 2006, assim como a sucessão do poder com Dilma Rousseff em 2010. Com o natural desgaste ao passar dos tempos, o país chegou ao momento de maior instabilidade em 2013, com protestos em massa pelo país. Estava instaurado o antipetismo. Em 2014, embora Dilma Rousseff tenha garantido a reeleição, o partido já não gozava da mesma popularidade e figuras de oposição conquistaram notoriedade. E é sob este sentimento que Jair Bolsonaro assume o papel de salvador da pátria, mito e herói. No seriado

original, o personagem Chapolin é um super-herói que aparece sempre que alguém se pergunta: “e agora, quem poderá nos defender?”, porém, de forma desastrada, sem impor respeito e sendo ridicularizado por seus amigos.

Em 2020, enquanto a TV Globo exibia a reprise dos capítulos finais da novela Avenida Brasil, os bastidores da política nacional ganhavam um capítulo importante: O juiz Sergio Moro, então Ministro da Justiça, rompeu com Bolsonaro, alegando que o presidente não cumpriu com promessas estabelecidas e entregou à TV Globo imagens de conversas por aplicativo de mensagens. O fato inspirou o “deepfaker”, como Bruno Sartori se intitula:

**Imagem 2:** *Deepfake* coloca Jair Bolsonaro como personagem de novela



Foto: Reprodução/Internet

A sátira, Avenida Brasília, novamente, contém deboche e mensagens subliminares, uma vez que Carminha, interpretada pela atriz Adriana Esteves, é considerada uma das grandes vilãs da dramaturgia brasileira e na telenovela em questão possuía um amante, configurando uma traição ao seu companheiro.

**Imagem 3:** Em paródia musical, Bolsonaro dança como em vídeo viral





Foto: Reprodução/Internet

Uma das deepfakes de maior engajamento recente, com cerca de 800 mil visualizações no YouTube é uma paródia musical de Carpinteiro, canção de Elias Monkbel, que viralizou após publicação do digital influencer Orlandinho, que contracena com mais dois rapazes, numa dancinha considerada brega com figurino inusitado. Segue letra da versão parodística de Sartori:

Com golpe de faca, ganhei esse emprego  
Vivo na mamata com o seu dinheiro  
Essa gripe chinesa agora é o que me ferra  
E eu tenho certeza que é química essa guerra  
Vacinar no bracinho é o que o povo amaria  
Faltou só o bigodinho pra ser o que eu mais queria

Na paródia, a deepfake conta com dublagem de voz similar à Bolsonaro, é utilizada na canção enquanto três homens com rosto de Bolsonaro seguem na dança e há referência ao político alemão Adolf Hitler, líder do Partido Nazista.

## CONCLUSÃO

Na atualidade, não é incomum depararmos com fake news. As informações falsas permeiam a vida cotidiana. Os avanços tecnológicos propiciam-na

de modo cada vez mais sofisticado. As deepfakes já são uma realidade. Nos exemplos analisados e supracitados, em especial do videomaker Bruno Sartori, há para a sociedade o benefício da informação de que o conteúdo trata-se de adulteração de vídeo. A utilização de elementos estéticos, do cômico, do humor e da sátira, têm seu claro propósito de desconstrução. A exploração imagética faz parte do jogo político - ainda que o trabalho de Sartori seja feito de forma independente, sem ligação com partidos políticos.

Entretanto, por mais que aqui tenhamos debatido sobretudo aspectos estéticos, há de se refletir a vulnerabilidade a qual a sociedade está exposta com essa nova modalidade de fake news. A desinformação que outrora chegava em texto replicado por diversas vezes nas redes sociais, evolui para um formato ainda mais convincente, com recursos audiovisuais avançados. Dentre tantos benefícios aplicados pela Inteligência Artificial, parte da sociedade e seus agentes malévolos utilizam-na de forma nociva.

Os ideias de pós-verdade, a ausência de educação para as mídias, a instabilidade política, a própria audiência e suas preferências ideológicas, a fragilidade das instituições e principalmente, a ausência de uma cultura voltada à busca por informações de credibilidade evidenciam os riscos aos quais os indivíduos estão suscetíveis.

Atualmente, as deepfakes mais virais no Brasil são utilizadas para arrancar o riso, com recursos de comicidade, humor e sátira. Porém, cedo ou tarde, o mesmo recurso pode ser utilizado para ludibriar a sociedade. Por ora, é impossível mensurar o impacto que elas podem causar, seja individual ou coletivamente.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ALLCOTT, H.; GENTZKOW, M. Social media and fake news in the 2016 election. **Journal of Economic Perspectives**, v. 31, n.2, p.211-236, 2017.

ANDERSON, K. E. Getting acquainted with social networks and apps: combating fake news on social media. **Library HiTech News**, v. 35, n. 3, p.1-6, 2018.

---

CASTELLS, M.; CARDOSO, G. A sociedade em rede: do conhecimento à política. **A sociedade em rede. Do conhecimento à ação política**. Lisboa: Imprensa Nacional, p. 17-30, 2005.

CHRISTOFOIETTI, R. Padrões de manipulação no jornalismo brasileiro: fake news e a crítica de Perseu Abramo 30 anos depois. **Revista Rumores**, v.12, n. 23, p. 56-82, 2018.

DERAKHSHAN, H.; WARDLE, C. **Information disorder: definitions. In: Understanding and addressing the desinformation ecosystem**. Philadelphia, Cap. 2, p. 5-12, 2017.

FILHO, O.F. O que é falso sobre fake news. **Revista USP**, n. 116, p. 39-44, 2018.

FLORIDI, Luciano. **Philosophy of information**. New York: oxford univesity press, 2018.

GOMES, L. F. **Cinema nacional: caminhos percorridos**. São Paulo: Ed. USP, 2007.

HAYA, R. H.; KHALED, S. Combating Deepfake Videos Using Blockchain and Smart Contracts. **IEEE Access**, v. 7, p. 41598-41606, 2019.

KEMP, S. Essential insights into how people around the world use the internet, mobile devices, social media, and e-commerce. **Digital 2019**. 2019. Disponível em <<https://p.widencdn.net/kqy7ii/Digital2019-Report-en>>. Acesso em: 15 out. 2020.

KOOPMAN, M.; RODRIGUEZ, A.M.; GERADTS, Z. Detection of Deepfake Video Manipulation. In: Proceedings of the 20th Irish Machine Vision and Image Processing conference. *Anais...* Belfast, Northern Ireland, 2018.

KORSHUNOV, P.; Marcel, S. DeepFakes: A new threat to face recognition? Assessment and detection. **arXiv :1812.08685v1** [cs.CV], p.01-05, 2018.

LI, Y.; LYU, S. Exposing Deepfake Videos By Detecting Face Warping Artifacts. **arXiv:1811.00656v1**, 2018.

MARA, M.H., ALEXANDROU, A. Determining authenticity of video evidence in the age of artificial intelligence and in the wake of Deepfake vídeos. **The International Journal of Evidence & Proof**, v.23, n. 3, p. 255-262, 2018.

MARQUES, A.C.S. Comunicação, estética e política: a partilha do sensível promovida pelo dissenso, pela resistência e pela comunidade. **Revista Galáxia**, n. 22, p. 25-39, 2011.

MESQUITA, G.B.; VIZEU, A. E.; A audiência potente e as novas relações no jornalismo. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 11, n. 2, p. 596-607, 2014.

PATRINI, G.; CAVALLI, F.; AJDER, H. The state of deepfakes: reality under attack. **Annual Report**, v.2.3, 2018.

PAULA, L.T.; SILVA, T.R.S.; BLANCO, Y. A. Pós-verdade e fontes de informação: um estudo sobre fake news. **Revista Conhecimento em Ação**, v. 2, n. 1, p. 93-110, 2018.

PEREIRA, A.C.S.; BRUNO, A. L. B.; AZEVEDO, A. M.; PINHEIRO, C, R.; CAMPOS, L.M.H.; ORNELLAS, N.V.A.; PAIXÃO, V.P. Inteligência artificial e direitos humanos: Impactos e dilemas éticos atuais. **Revista Internacional de Direitos Humanos e Empresas**, v. 4, p. 01-18, 2020.

---

QAYYUM, A.; QADIR, J.; JANJUA, M.U.; SHER, F. Using Blockchain to Rein in the New Post-Truth World and Check the Spread of Fake News. **IT Professional**, 21(4): 16–24, 2019.

READS, S . “**Inteligência Artificial: Compreender em Que Consiste a I.A. e o Que Implica a Aprendizagem das Máquinas**”. Tradução de Patrícia Pinto. Smart Reads, 2017. Edição Kindle, 62p.

RIDLEWSKI, C. Inteligência artificial garante potencial destrutivo às “deepfakes”, nova categoria das “fake news”. **Valor Econômico**, São Paulo, 2019. Disponível em <<https://valor.globo.com/eu-e/noticia/2019/05/24/inteligencia-artificial-garante-potencial-destrutivo-as-deepfakes-nova-categoria-das-fake-news.ghtml>>. Acesso em: 20 out. 2020.

SOUZA, R. B. R. “Fake news”, pós-verdade e sociedade do capital: o irracionalismo como motor da desinformação jornalística. **Revista Famecos**, v. 26, n. 3, p. 01-17, 2019.

TIBURI, M. Pós-verdade, Pós-ética: Uma Reflexão Sobre Delírios, Atos Digitais e Inveja. In: DUNKER, C.; TEZZA, C.; FUKS, J.; TIBURI, M.; SAFATLE, V. **Ética e pós-verdade**, Porto Alegre: Dublinense, 2017, 144 p.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. **Convite à estética**. Editora Record, 1999.

ZANNETTOU, S.; SIRIVIANOS, M.; BLACKBURN, J.; KOURTELLIS, N. The Web of False Information: Rumors, Fake News, Hoaxes, Clickbait, and Various Other Shenanigans. **Journal of Data and Information Quality**, v.1, n.3, 2019.